

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas.

338. RECORDANDO AFONSO DE TAUNAY

Dentre os historiadores não ituanos, mas que tenham alguma ligação com Itu, não se pode deixar de considerar o mestre Afonso de Taunay, não só por ter sido o organizador do Museu Republicano, como pelo interesse que sempre demonstrou pela história da cidade. Aliás, sobre o assunto já escreveu suficiente e pertinentemente, há mais de vinte anos, e nesta mesma folha, o historiador ituano Roberto Machado Carvalho, meu nobre confrade da Academia Paulista de História e atual presidente do Instituto Histórico e geográfico de São Paulo.

Nada teria a acrescentar ao que ali se escreveu e nem julgaria necessário, por redundante, insistir no assunto, a não ser para lembrar o quanto o grande historiador afeiçoou-se à cidade e ao seu museu. E vem esta recordação a propósito do seu falecimento, ocorrido no dia de hoje, há 41 anos.

As atividades museológicas de Taunay não se limitaram ao Ipiranga. De fato, um lustro apenas após a sua investidura na direção do Museu Paulista, teve ele a seu cargo a organização de um museu em Itu, criado por Washington Luís quando presidente do Estado, com a finalidade de recordar a histórica convenção republicana de 1873. Para a sua instalação, adquiriu o governo o edifício da rua Barão de Itaim,

local da reunião dos convencionais, e nele, na data cinquentenária da Convenção inaugurou-se o nosso Museu, como dependência do Museu Paulista, o que levava o seu diretor a freqüentar com assiduidade nossa cidade. Tornou-se assim o museu ituano uma espécie de complemento republicano do Museu do Ipiranga, pois este dedicava-se, na parte histórica, particularmente ao período colonial e aos fastos da Independência e do Império.

O ato de criação do Museu de Itu visava, em princípio, a guarda de documentos e objetos relacionados com a propaganda e o período republicano. Taunay, porém, não se contentou em ficar apenas nisso. Cuidou de ampliar a específica medida, fazendo da casa de Carlos Vasconcelos de Almeida Prado uma amostra que pudesse dar ao visitante uma idéia, a mais aproximada possível, de uma residência da segunda metade do século XIX, ainda que para tal precisasse empreender grandes reformas no edifício.

E nessa dupla finalidade de evocar a Convenção de 1873 e retratar uma residência senhorial da época, vem desempenhando o Museu de Itu (até hoje uma dependência do Museu Paulista) importante papel cultural, tornando-se assim, ao lado de suas igrejas, um dos atrativos da histórica cidade. Justificou, inclusive, que Taunay, a exemplo do que fez com o Ipiranga, elaborasse um “Guia”, publicado em 1946, bastante minucioso na especificação de tudo quanto representa o velho solar e o que nele se encontra lembrando a Convenção. Um “Guia”, que, tal como outro, relativo ao Ipiranga, está a exigir reedição revista, sobretudo em face das muitas reformas que os dois museus sofreram em administrações posteriores.

E é com alegria que podemos constatar que o atual diretor, o eminente Professor José Sebastião Witter, meu confrade igualmente em duas Academias (e também “cidadão ituano”) está fazendo refletir em Itu a série de reformas que, em boa hora, empreendeu no monumental palácioda colina histórica do Ipiranga.

Ao publicar sua extensa obra sobre as bandeiras paulistas, onze volumes, entre 1924 e 1950, Taunay, curiosamente, datou cada volume de uma cidade diferente (naturalmente cidade onde ele estivesse pesquisando) e datou de Itu o volume oitavo, inscrevendo o nome da

cidade e a respectiva data no prefácio, garantindo-lhe, assim, uma perene vinculação com a bibliografia bandeirante. (20-3-1999).

*

339. AHIMTB

Numa época de siglas, creio que não farei nenhum mal usando mais uma. Uma, que ainda não caiu no domínio público, mas que certamente cairá com o tempo, pois refere-se a uma das mais sérias realizações culturais dos últimos tempos e já com projeção nacional. Refere-se a sigla à **Academia de História Militar Terrestre do Brasil**, ainda bem recente, pois fundada oficialmente a 1º de março de 1996. Data simbólica, pois assinala o término da Guerra do Paraguai, no ano de 1870.

Seu idealizador, Coronel Cláudio Moreira Bento, meu preclaro confrade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de alguns Insitutos estaduais, aos quais também me honro de pertencer, como os de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Ceará. Natural do Rio Grande do Sul, realizou brilhante carreira militar, tornando-se renomado como historiador, apresentando em seu currículo valioso acervo de publicações, das quais destaco - sem menosprezo para com as demais - o belo volume **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul** (Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1976), do qual muito me utilizei para o trabalho que venho realizando sobre estrangeiros que escreveram sobre o Brasil.

Ao idealizar a AHIMTB, entendeu seu idealizador e fundador de localizá-la em Resende, tendo como razão principal a vizinhança da Academia das Agulhas Negras. Nas palavras do Coronel Bento, a Academia “desenvolve ações para catalizar esforços até agora esparsos de historiadores, pesquisadores, instrutores, biógrafos de militares, colecionadores, bibliógrafos, e outros interessados no desenvolvimento combinado da História Militar do Brasil que atravessa por preocupante fase”.

Tornou-se simpática a Academia por abrir suas portas também a alguns civis, desde naturalmente (suponho) que tenham algum trabalho

na área da história militar. Seu quadro constitui, como é de praxe acadêmica, de quarenta cadeiras, cada qual sob a égide de um patrono, categoria em que também foram admitidos três civis, porém todos nomes respeitáveis da historiografia brasileira: o Barão do Rio Branco, Pedro Calmon e Vilhena de Moraes.

Ainda é o Coronel Bento quem nos informa que a Academia “desenvolve seus esforços catalizadores e arregimentadores de possíveis interessados em seus objetivos, através do jornal “O Guararapes”. Tenho o privilégio de recebê-lo regularmente, podendo, pois avaliar a qualidade da matéria nele divulgada, com ênfase especial, fazendo jús ao seu título, às guerras contra os holandeses no século XVII.

Há poucos dias, tive também o privilégio de receber belo volume de quase 250 páginas, em grande formato, contendo os discursos proferidos nas cerimônias de posse de vinte Cadeiras da Academia. Trabalho valioso, por apresentar-nos através desses discursos expressivas biografias dos respectivos patronos, muitos quais já conhecidos, de nome é claro, mas sem que deles tivéssemos dados mais concretos acerca de suas biografias. E possivelmente com dados difíceis de serem encontrados, ficando quase que circunscritos a esta publicação. Daí, o seu interesse.

Como disse de início, dado o trabalho constante e honesto que a Academia vem desenvolvendo, vinculando-se, pelos seus associados a quase todo o país, não há de demorar muito para que sua sigla caia em domínio público, com pleno reconhecimento pelo que a entidade já tem feito e ainda poderá fazer para o melhor conhecimento de nossa história militar. 10-4-1999.

*

340. O POLÍGRAFO DE JUIZ DE FORA

Fico imaginando como a cidade de Juiz de Fora há de ter pranteado o falecimento, em fins do ano passado, de Wilson de Lima Bastos, um dos seus mais ilustres filhos, não só pela sua ancestralidade como pela sua intensa participação na vida da grande cidade mineira das

margens do Paraibuna. Sempre viveu em Juiz de Fora, embora com freqüentes viagens pelo Brasil e pelo exterior, e em torno de sua cidade realizou a maior parte da imensa obra que nos legou, não só no campo da História (sua maior preferência), mas também nos da sociologia, da economia, do folclore, da genealogia e até no da ficção, pois quase todos os seus contos e romances têm como ambientação as fazendas circunvizinhas.

Para mim, é comovente evocá-lo. Tivemos um relacionamento de mais de meio século, extensivo a toda a família (uma de suas irmãs foi minha colega de classe nos tempos de ginásio) constituída de numerosas figuras, das mais conceituadas da cidade. E todas com preocupações culturais, e algumas até com acentuada vocação artística, a começar por ele próprio, que, por muitos anos integrou, como violoncelista, a Orquestra Sinfônica de Juiz de Fora. Em Juiz de Fora, naqueles bons tempos, podia-se realizar um variadíssimo sarau artístico (declamação, canto, dança, música, teatro...) só com elementos de sua família! E isso, naturalmente, sem prejuízo de suas atividades profissionais, como jornalista, advogado, professor da Universidade Federal da cidade, e membro atuante de diversas entidades, como o Instituto Histórico e Geográfico, a Academia Juizforana de Letras, o Instituto Santo Tomás de Aquino, e ainda outras.

Companheiro freqüente nas visitas anuais que costumo fazer a Juiz de Fora (para uma reunião de antigos alunos do colégio em que estudei), já da última vez, no início de setembro do ano passado, não tive o privilégio e o prazer de encontrá-lo, pois, coincidentemente, encontrava-se ele em Campos do Jordão, participando de uma reunião do Instituto de Estudos Valeparaibanos, outra entidade à qual ele foi sempre muito dedicado, comparecendo assiduamente às suas reuniões periódicas, realizadas sempre em cidades diferentes do extenso Vale do Paraíba. E sempre apresentando trabalhos de pesquisa, na área dos estudos regionais. Sua ausência, bastante sentida da última vez, não esperava viesse a tornar-se definitiva, pois, infelizmente, pouco mais de um mês depois, recebia a triste notícia de seu falecimento. Difícil, para mim, agora, imaginar Juiz de Fora sem o bom amigo. Que Deus o tenha em sua glória.

Sobreviverá ele, certamente, nos livros que escreveu. Entre volumes, separatas e opúsculos, bem mais de cem títulos, abrangendo

história, política, sociologia, filosofia, folclore, genealogia, memórias e romances. Era rara minha ida a Juiz de Fora sem que ele não me oferecesse algum livro novo. Tratou das biografias de algumas figuras marcantes da cidade: Halfeld, Mariano Procópio, Bastista de Oliveira; de instituições da cidade: Academia de Comércio, Associação Comercial, Centro Industrial; cuidou da influência estrangeira na cidade, das vias de comunicações que servem à região, e, na ficção, deu especial ênfase aos romances do “ciclo do café”. Deixou incompletas as suas memórias, parando na década de 30; espero que tenha deixado alguns inéditos, abrangendo as épocas de suas maiores realizações. Comprazia-se em descrever as viagens realizadas, de maneira tão viva que dava ao leitor a sensação de estar viajando com ele.

Pertenceu à Academia Mineira de Letras, à Academia Juizforana, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, como correspondente, a numerosas outras entidades culturais da país. Enfim, uma vida e uma obra que merecem ser conhecidas fora do ambiente regional em que sempre atuou. 24-4-1999.

*

341. JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

A quem quer que tenha tido algum contato com a vida musical de São Paulo nos últimos quarenta anos (no setor da música clássica ou erudita) não há de ser estranho o nome que encima esta nota, musicólogo e crítico musical abalizado e renomado há pouco falecido, e que nessas atividades enriqueceu as páginas de diversos jornais paulistanos.

É-me grato evocá-lo nesta página de saudade, pois tivemos uma relacionamento de quase meio século, durante a qual cresceu minha admiração pela sua pessoa, em todos os sentidos: a cultura, a honestidade com que sempre soube pautar suas ações, o senso de responsabilidade e a dedicação às causas e ações que empreendeu e realizou. Admirava-o, igualmente, pela diversidade de seus interesses culturais, passando da música ao direito, à filosofia, à literatura, á história. Esta, parecer ter

coroado sua trajetória, pois após o ingresso em várias entidades culturais de outras áreas, ingressou na Academia Paulista de História, na qual tive o privilégio de recebê-lo em sessão de 28 de março de 1990.

Consultor jurídico por muitos anos da Prefeitura Municipal de São Paulo, integrante dos quadros do Instituto Brasileiro de Filosofia, ao lado de mestre Miguel Reale e de alguns saudosos amigos comuns, como Vicente Ferreira da Silva e Luís Washington Vita, enfim toda aquela plêiade que muito contribuiu para o desenvolvimento dos estudos filosóficos em São Paulo. Porém de todos os setores perustrados por Veiga Oliveira, o que mais e realmente nos aproximou foi a música. Nela - e através dela - tivemos sempre um requíssimo motivo de afinidade e, conseqüentemente, de aproximação. Habituaamo-nos, por muitos anos, a ouvir música juntos ou em sala de concertos ou audições de música gravada. Sempre muito bem informado, era Veiga a pessoa mais credenciada em São Paulo para orientar a formação de qualquer discoteca.

De comentarista de discos em diversos periódicos de São Paulo, passou a crítico musical criterioso e reconhecido. Mas não ficou aí a atividade musicológica de Veiga Oliveira: passou a escrever sobre música no antigo Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”, bem como na saudosa revista “Anhembí”. O que deixou esparso nessas publicações merecia ser guardado, tais os ensinamentos que encerram. Citaria apenas dois exemplos: a série de artigos sobre Gustav Mahler e Benjamin Britten honraria a literatura musicológica de qualquer país.

Tão importante quanto seus magistrais artigos - e sob certos aspectos mais duradouros pelo sentido de permanência que o jornal infelizmente não dá - foram os comentários que exarou nas contra-capas de discos. Nem sei a quanto alcançam os discos editados no Brasil com contra-capa de José da Veiga Oliveira. Na impossibilidade de a todos citar (e valeria a pena fazer-se esse levantamento) lembrarei a sua colaboração com a Academia Santa Cecília de Música, do Rio de Janeiro, entidade que até o encerramento de suas atividades editoriais, contou sempre com a sua colaboração, especialmente na série bem numerosa das cantatas de Bach, cujos textos foram muitas vezes por ele próprio traduzidos. Muitos dos discos lançados no Brasil pela benemérita

entidade da rua das Laranjeiras constituíam novidades absolutas e muitas foram editadas por sua sugestão.

Aqui fica, pois, esta ligeira evocação à memória do saudoso amigo e companheiro. 29-5-1999.